
Análise de fontes e canais informativos do caso Marielle Franco nos jornais *Folha de S. Paulo* e *El País*: nuances de oficialismo e estreitamento do espectro de vozes¹

Ana Karla Flores GIMENES²

Marcos Paulo da SILVA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande (MS)

RESUMO

Desenvolve-se no artigo uma análise das fontes jornalísticas e dos canais de informação utilizados pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *El País* na cobertura do assassinato da ativista social e vereadora carioca Marielle Franco, adotando-se como recorte empírico os períodos de uma semana em março de 2018, de 2019 e de 2020, respectivamente a partir da data do crime e dos aniversários de um e dois anos de indefinição na apuração do ocorrido. A despeito das peculiaridades dos veículos estudados, mostra-se possível identificar nuances de oficialismo e de estreitamento do espectro de pontos de vista na cobertura jornalística, em especial pela complexidade do tema, bem como a recorrência implícita a recursos retóricos como a simplificação, a consonância e a personalização.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Política; Marielle Franco; Fontes; Estratégias retóricas.

PARA SITUAR O DEBATE

Este trabalho desenvolve um estudo sobre a cobertura jornalística do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco (PSOL) por intermédio da análise das fontes jornalísticas e dos canais de informação empregados pelos veículos *Folha de S. Paulo* e *El País*, em suas versões online, a fim de compreender as dinâmicas e as relações de poder explícitas e implícitas na construção das notícias. Como *corpus*, foram selecionadas matérias publicadas pelos jornais na semana do crime, em março de 2018, assim como nas datas que marcaram, nos anos de 2019 e 2020, os aniversários de indefinição do caso. Dessa forma, faz-se possível analisar a maneira como o ocorrido foi retratado nos veículos ao longo dos três anos de investigação e seus desdobramentos mais recentes.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista graduada pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: ana.gimenes010@gmail.com

³ Docente da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduiche (PDEE/CAPES) na Syracuse University (Nova Iorque, Estados Unidos). Líder do Grupo de Pesquisa Cotidiano e Noticiabilidade (UFMS/CNPq). E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

Na noite da execução, dia 14 de março de 2018, Marielle Franco voltava de um evento chamado “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, quando foi atingida dentro de seu carro por quatro tiros na cabeça disparados por homens que estavam em outro veículo. O motorista da vereadora, Anderson Pedro Gomes, foi atingido e também morreu. Fernanda Chaves, assessora de Marielle que estava no carro, ficou ferida por estilhaços. A suspeita de execução por motivação política logo veio à tona. Voz ativa nos movimentos sociais da periferia carioca e militante em defesa dos direitos humanos, da igualdade racial e da população LGBT, Marielle Franco manifestava-se de forma incisiva contra a atuação da polícia nas favelas cariocas. Eleita como a quinta vereadora mais votada da capital no pleito de 2016, com 46,5 mil votos, conquistou votantes em todos os colégios eleitorais do Rio de Janeiro⁴. Ainda assim, sua presença no campo político causava incômodos.

A ativista ocupara uma posição social – um cargo legislativo – pouco comum para uma mulher negra e advinda da periferia (TABAK, 2002). Autora de dissertação de mestrado sobre o tema (FRANCO, 2014), a vereadora foi nomeada relatora da Comissão da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro criada para fiscalizar a atuação das tropas na Intervenção Federal conduzida pelo exército e foi executada duas semanas depois de assumir o cargo. Dois dias após o assassinato, a Intervenção Federal na capital fluminense completou um mês desde que fora decretada pelo então Presidente da República, Michel Temer, e gerou debates calorosos sobre os impactos da ação e sua relação com o crime.

Passados mais de dois anos da execução, o caso não fora solucionado e continua sob sigilo da Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro. Para agravar sua complexidade, conforme destacam Schirmer e Dalmolin (2018), passou-se a ocorrer posteriormente ao crime a disseminação nas redes sociais de discursos deturpados a respeito do caso com a intenção de modificar a identidade de Marielle Franco. Assim, após seu assassinato, a ativista passara a ser acusada levianamente de lutar pela defesa de criminosos, de defender a violência nas favelas e de ter envolvimento com as maiores facções do estado. Schirmer e Dalmolin (2018, p. 10) ressaltam que Marielle teve uma espécie de “segunda morte”, alimentada pelo racismo e pelo machismo, a partir da construção de um falso nexo de causalidade pelo qual o assassinato seria resultante de suas próprias ações políticas.

⁴ Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2016/rio-de-janeiro-rj/vereador/marielle-franco-50777/>. Acesso em 23/03/2020.

Neste contexto, o tema do estudo foi escolhido devido a sua complexidade e à grande repercussão do crime no mundo, seja por intermédio da imprensa tradicional ou por meio das redes sociais na Internet. Para efeitos ilustrativos, de acordo com levantamento da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-DAPP), a morte da vereadora mobilizou 1,16 milhão de menções no Twitter entre os dias 14 e 16 de março de 2018⁵. Por seu turno, os periódicos *Folha de S. Paulo* e *El País* foram selecionados durante a pré-análise devido à abrangência e, em especial, à suposta distinção editorial no tratamento do crime.

Fundada em 1921, a *Folha de S. Paulo* foi o primeiro jornal a oferecer, em 1995, conteúdo online no país. Atualmente, possui a maior média mensal de circulação digital segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), com 236 mil usuários⁶. Além disso, o jornal possui mais de 250 milhões de páginas visitadas por mês, com cerca de 30 milhões de visitantes. Já o jornal *El País* foi fundado em 1976 na Espanha e possui cerca de 65 milhões de leitores em todas as suas edições ao redor do globo. O veículo possui sucursais em Washington, Cidade do México, Bruxelas e São Paulo, além de correspondentes em todos os continentes. Segundo a consultoria ComScore, o *El País* conta com cerca de 34,6 milhões de usuários e atinge mais de 200 países⁷. Vale-se nesta análise da edição online brasileira do periódico.

Em termos metodológicos, propõe-se no artigo um estudo dos canais de informação com base na classificação sistematizada por Sigal (1974) – isto é, canais de rotina, informais e corporativos –, bem como na tipologia de fontes noticiosas como “primárias” e “secundárias” (LAGE, 2005) – ou “*news makers*” e “*news shapers*”, na acepção de Soley (1992). O cruzamento dos dados, por seu turno, com inspiração nas reflexões de Jim Kuypers (2009), possibilita a identificação de estratégias retóricas – como a simplificação, a consonância e a personalização (SILVA, JERONYMO, 2018) – implícitas nas notícias. Ao todo são analisados 21 itens noticiosos, sendo 13 da *Folha de S. Paulo* – seis em 2018, cinco em 2019 e duas em 2020 – e oito do *El País* – quatro no primeiro ano e o mesmo montante em 2019, uma vez que em 2020 não identificou-se a publicação de matérias de cunho informativo na semana de aniversário do ocorrido.

⁵ Disponível em: <http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-567-mil-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/folha-cresce-e-lidera-circulacao-entre-jornais-do-pais-em-2019.shtml>. Acesso em: 05 maio 2020.

⁷ Disponível em: <https://elpais.com/corporativos/>. Acesso em: 05 maio 2020.

FONTES E CANAIS DE INFORMAÇÃO

O sociólogo norte-americano Herbert J. Gans (2004) metaforiza a relação entre fontes e jornalistas como uma dança, onde um parceiro busca o outro, sendo frequente a condução dos passos pelas primeiras. De acordo com o autor, os jornalistas geralmente possuem um número restrito de fontes para o acesso às informações, um rol bastante estreito de atores sociais “aprovados” e legitimados de antemão nas rotinas jornalísticas devido às restrições de tempo e de recursos, o que limita o acesso a um leque mais plural de possibilidades. Segundo Gans (2004, p.128), as fontes são selecionadas com base em parâmetros como confiabilidade, convivência, credibilidade, desenvoltura, autoridade e notoriedade. O sociólogo afirma que as coberturas especializadas – como o jornalismo político e o jornalismo policial, para manter-se no escopo deste estudo – costumam influenciar a seleção geral e a mobilização das fontes, visto que os jornalistas que transitam por esses campos supostamente constroem vínculos mais profundos e contínuos com seus interlocutores, estabelecendo regras e compromissos mútuos.

Conterrâneo de Herbert Gans, o também sociólogo Lawrence Soley (1992) indica as bases sistemáticas aplicadas na seleção das fontes no jornalismo. O autor sublinha que oficiais do governo e homens brancos oriundos de instituições de elite são historicamente utilizados com mais frequência que qualquer outro perfil de fonte nos jornais norte-americanos. Além disso, o autor aponta que as mulheres são menos mobilizadas como fontes e que movimentos sociais e grupos de direitos humanos costumam ser sub-representados nas notícias. Para Soley (1992), uma explicação para o uso frequente das mesmas modalidades de fontes no jornalismo diz respeito a uma leitura equivocada do conceito de “objetividade”, concedendo margem a procedimentos de apuração que corroboram o *status quo* da sociedade, sem explicitar os jogos de forças dos sistemas sociais vigentes. Instituições legitimadas e frequentemente mobilizadas pela mídia, como grandes grupos empresariais e governos, passam a ser denominados de “fontes convencionais”, restringindo os espaços de grupos anti *status quo* com pontos de vista menos legitimados – estes, tratados como “fontes não convencionais”.

Outrossim, Soley (1992) propõe uma classificação das fontes entre os chamados “*news makers*” e os “*news shapers*”, tipologia que dialoga com a divisão de Lage (2006) entre fontes “primárias” e “secundárias. Para Soley (1992), os “*news makers*” são definidos como as fontes que fazem parte de um ocorrido, as chamadas personagens. Os “*news shapers*”, por sua vez, são aqueles agentes mobilizados pela mídia na busca de

informações privilegiadas, antecedentes ou previsões sobre resultados dos acontecimentos e geralmente são apresentados com o rótulo de “especialistas”. De acordo com o autor, os “*news shapers*” constituem uma classe de elite que fornece suas análises e opiniões para a maioria dos noticiários. Este grupo restrito, segundo o sociólogo, mostra-se homogêneo em termos de educação, associações, etnia e gênero (SOLEY, 1992, p. 6, tradução nossa).

Complementarmente, também em uma perspectiva histórica, ao estabelecer um recorte longitudinal de quatro décadas no jornalismo norte-americano, Leon Sigal (1973) classifica os canais de informação em três modalidades: oficiais, de rotina e corporativos. A partir de um estudo sobre as primeiras páginas dos jornais *The New York Times* e *Washington Post*, o autor conclui que as fontes de informação dominantes no jornalismo dos Estados Unidos são essencialmente governamentais e oriundas de canais de rotina. Conceitualmente, os “canais de rotina” remetem a conferências e comunicados de imprensa, audiências e eventos oficiais. Já os “canais informais” dizem respeito a vazamentos, a procedimentos não-governamentais ou a reportagens de outras organizações de notícias. Por sua vez, os “canais corporativos” relacionam-se a entrevistas realizadas por iniciativa dos próprios repórteres, bem como a eventos espontaneamente presenciados pelos jornalistas, como um incêndio ou desastres naturais, além de pesquisas em bases de dados estatísticos e das conclusões e análises oriundas das próprias redações.

No contexto brasileiro, Leal e Carvalho (2015), a partir do desenvolvimento de uma análise sobre a cobertura jornalística da homofobia e de temas ligados a HIV/AIDS, contribuem para o debate ao defender a pertinência do uso do termo “agente” em detrimento de “fonte”. Para os autores, a produção de notícias envolve um campo de disputas desigual no qual diferentes agentes sociais concorrem entre si por espaços, enquadramentos e falas, podendo se legitimar ou não como fontes e como personagens nas narrativas informativas. Com base em Neveu (2006), os pesquisadores destacam que a terminologia “fonte” não constitui um conceito cristalizado, mas uma metáfora. Quando utilizada sem a devida problematização, alertam Leal e Carvalho (2015, p. 613), a ideia de “fonte” não permite o desvelamento da complexidade dos processos de obtenção de informação, de definição de enquadramentos e de modos de interpretação, dinâmicas que envolvem diferentes jogos de interesse e de poder – tal como pode ser observado na análise da cobertura do caso Marielle Franco tratada neste estudo.

FONTES E CANAIS INFORMATIVOS NA COBERTURA DOS JORNAIS

Em termos quantitativos, as fontes mais recorrentes mobilizadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* sobre o caso Marielle Franco em 2018 são, de modo significativo, as secundárias, com 96,3% das citações. Em 2019, as fontes primárias totalizaram cerca de 14,3% e as secundárias 85,7%. Em 2020, as fontes secundárias também são majoritárias nas matérias analisadas no veículo e contam com 70%, enquanto as primárias somam aproximadamente 30%. Totalizando os três anos estudados, verifica-se que 87% das fontes mencionadas são secundárias.

Tabela 1 – Matérias analisadas na Folha de S. Paulo

Veículo	Data	Título	Fontes
Folha de S. Paulo	14/03/2018	“Vereadora do PSOL é morta a tiros no Rio de Janeiro”	Anistia Internacional; Michel Temer (Presidente da República); Marcelo Freixo (Deputado Estadual); Felipe Santa Cruz (Presidente da OAB/RJ)
Folha de S. Paulo	15/03/2018	'Morte de Marielle não afeta intervenção no Rio', diz ministro da Justiça	Walter Braga Netto (interventor federal)
Folha de S. Paulo	15/03/2018	Assassinato de Marielle mobiliza Planalto para reduzir desgaste	Michel Temer (Presidente da República); Moreira Franco (Ministro de Secretaria-Geral); “integrantes do governo”
Folha de S. Paulo	15/03/2018	Michel Temer chama de extrema covardia morte de vereadora do Rio	Michel Temer (Presidente da República); “auxiliares e assessores presidenciais”; pesquisa do Governo Federal sobre a taxa de aprovação da população do Rio de Janeiro à Intervenção
Folha de S. Paulo	16/03/2018	Munição liga caso Marielle à maior chacina da história de São Paulo	Marcelo de Oliveira (promotor); Raul Jungmann (Ministro da Segurança Pública); policiais envolvidos na investigação
Folha de S. Paulo	16/03/2018	Comandante do Exército vê crescer importância da intervenção após crime	Eduardo Villas Bôas (Comandante do Exército); policiais civis e militares envolvidos nas investigações
Folha de S. Paulo	12/03/2019	PMs são presos sob suspeita de matar vereadora Marielle Franco	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro); Leonardo da Luz (advogado de Alexandre Motta, amigo do acusado Ronie Lessa); Mônica Benício (viúva da vereadora)
Folha de S. Paulo	12/03/2019	Obsessão por membros da esquerda motivou criminosos na morte de Marielle, diz polícia	Elisa Fraga (investigadora da Coordenadoria de Segurança e Inteligência); Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Letícia Emile (promotora)
Folha de S. Paulo	13/03/2019	'Não me lembro desse cara', diz Bolsonaro sobre vizinho suspeito de matar Marielle	Jair Bolsonaro (Presidente da República); Simone Sibilio (promotora)

Folha de S. Paulo	13/03/2019	Witzel diz que delegado do caso Marielle deve ser afastado	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro)
Folha de S. Paulo	14/03/2019	Atos cobram respostas sobre mandante da morte de Marielle e Anderson	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro)
Folha de S. Paulo	13/03/2020	Assassinato de Marielle faz dois anos com conflitos em série na busca por mandante	Jair Bolsonaro (Presidente da República); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro); Raquel Dodge (ex-procuradora-geral da República); Ministério Público do Rio de Janeiro
Folha de S. Paulo	14/03/2020	Veja tudo o que se sabe sobre o assassinato de Marielle, dois anos depois	Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz (suspeitos do crime); Sérgio Moro (Ministro da Justiça); Raquel Dodge (ex-procuradora-geral da República); Ministério Público do Rio de Janeiro

Fonte: Elaboração própria

Das 23 fontes identificadas como pessoas físicas, excluindo levantamentos documentais, oriundos do trabalho de pesquisa jornalística dos repórteres, e as repetições de trechos em diferentes matérias, a maioria dos agentes acionados possui cargos políticos, somando 43,4% das fontes. Policiais e advogados contam com a segunda maior porcentagem, 39,1%; já os personagens menos citados são os familiares e conhecidos de Marielle ou os envolvidos no caso, representando 17,3% das menções. Os nomes mais frequentes nos textos são os do ex-Presidente da República, Michel Temer, do então interventor federal e atual ministro da Casa Civil, Walter Braga Netto, do delegado responsável pelo caso, Ginton Lages, e do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel.

Outros aspectos observados são o gênero e a etnia das fontes. Considerando que Marielle fazia parte de uma minoria de mulheres negras, mostra-se importante analisar o volume de fontes femininas e de negros mobilizadas pelo jornal. Somando todas as fontes que foram identificadas nos anos analisados, de 23 referências, 78,3% são masculinas e 95,6% brancas. Mesmo Marielle pertencendo ao grupo de mulheres negras, as fontes acionadas para retratar o caso são significativamente externas a essa realidade. Os agentes mais utilizados são oficiais governamentais e policiais, majoritariamente homens e brancos, com uma variedade bastante ínfima de pontos de vista.

Tabela 2 - Fontes utilizadas nas matérias analisadas do jornal Folha de S. Paulo

Classificação fontes	2018	2019	2020	Total
Primárias	3,7%	14,3%	30%	13%
Secundárias	96,2%	85,7%	70%	87%
Mulheres	8,4%	37,5%	16,6%	21,7%
Homens	91,6%	62,5%	83,4%	78,3%

Branços	91,6%	100%	100%	95,6%
Negros	8,4%	0%	0%	4,4%

Fonte: Elaboração própria

No que tange os canais de informação identificados nas matérias analisadas na *Folha de S. Paulo*, em 2018 o canal de rotina foi o mais acionado, com cerca de 30% do total de 33 ocorrências. O canal informal conta com 27,2% das ocorrências, número próximo ao canal corporativo e aos casos em que não mostra-se possível identificar a procedência com, respectivamente, 24% e 18%. Em 2019, o canal de rotina também foi o mais mobilizado, com 54,5% das 22 ocorrências. Contudo, a diferença entre este e os demais canais é eminente, visto que o corporativo possui apenas 18,1% do total, seguido pelo informal, 13,6%, e pelos canais não identificados, com 9%. Finalmente, em 2020 é visível o uso majoritário do canal de rotina, contabilizando 83,3% das 12 ocorrências. Os canais informal e corporativo possuem a mesma porcentagem, apenas 8,3%. Não foram verificados casos com impossibilidade de identificação dos canais utilizados.

Tabela 3 - Canais de informação das matérias analisadas da Folha de S. Paulo

Canais	Quantitativo	Porcentagem
Rotina	32	47,7%
Informal	13	19,4%
Corporativo	13	19,4%
Não identificado	8	11,9%

Fonte: Elaboração própria

A divisão entre as fontes primárias e secundárias apresenta um desequilíbrio, uma vez que das 67 ocorrências, somando os três anos analisados, 84% constituem fontes secundárias. As fontes oficiais governamentais foram as mais utilizadas pelo canal de rotina, com 18 das 32 ocorrências. Outras fontes secundárias bastante utilizadas foram os gerais, os policiais envolvidos nas investigações e as promotoras do caso. Vale ressaltar que as matérias analisadas são da cobertura de um crime de assassinato, portanto a “personagem principal”, Marielle Franco, fica evidentemente impossibilitada de se manifestar. Os meios mais recorrentes utilizados para a obtenção de informações foram as coletivas de imprensa e as notas oficiais dos governos federal e estadual.

Nos canais informais, as fontes oficiais também são as mais recorrentes, com seis das 13 fontes identificadas. Tais fontes foram citadas a partir de publicações em redes sociais a respeito do caso. Não obstante, o canal informal foi acionado para extrair citações de vazamentos ou informações publicadas anteriormente por outros veículos midiáticos. No canal corporativo, menos efetivo, são utilizadas entrevistas realizadas por

repórteres e pesquisas em documentos. Há um equilíbrio entre a origem das ocorrências: 54% foram retiradas de pesquisas advindas da apuração jornalística em documentos e bancos de dados; e 46% de entrevistas exclusivas realizadas com fontes oficiais, policiais ou conhecidos de Marielle. A viúva da vereadora, Mônica Benício, é mencionada em apenas duas matérias do jornal – “PMs são presos sob suspeita de matar vereadora Marielle Franco” e “Atos cobram respostas sobre mandante da morte de Marielle e Anderson” – publicadas, respectivamente, nos dias 12 e 14 de março de 2019. Em ambos os casos, as citações foram obtidas por meio de entrevistas.

É possível identificar a partir das análises no jornal *Folha de S. Paulo* que a busca por declarações não oriundas de coletivas de imprensa mostra-se escassa. Uma explicação para isso reside no fato de que as fontes mais utilizadas são as secundárias e as oficiais, em geral indivíduos que defendem a Intervenção Federal do Rio de Janeiro, como Michel Temer e Walter Braga Netto, ratificando o oficialismo das declarações formais à imprensa. Fontes primárias, como a família de Marielle, são apenas parcialmente citadas; apenas a viúva da vereadora foi mencionada. Ao longo das matérias é visível que muitas declarações, advindas dos mesmos canais e das mesmas fontes mencionadas anteriormente, são repetidas pelo veículo em diferentes datas. Em apenas oito ocorrências não se faz possível identificar o canal empregado nas matérias analisadas. Desse total, 62,5% das ocorrências são declarações de policiais e de advogados sobre as investigações do caso e 37,5% são de oficiais como ministros e deputados alinhados ao governo. Também são utilizadas 13 fontes não identificadas, com apresentações genéricas como “auxiliares de Temer”, “representantes do PSOL”, “auxiliares e assessores presidenciais” e “policiais envolvidos na investigação”.

No jornal *El País*, por seu turno, as fontes mais utilizadas em 2018 são também as secundárias, com 86,2% do total de 29 casos. Em 2019, as fontes primárias resultam em cerca de 21% das menções e as secundárias em 79% de 19 fontes identificadas. No caso do *El País*, nenhum texto de caráter informativo sobre o crime foi identificado no recorte em 2020, razão pela qual o ano não será contabilizado na tabela 4.

Tabela 4 – Matérias analisadas no El País

Veículo	Data	Título	Fontes
El País	15/03/2018	Ameaças aterrorizam moradores e ativistas que denunciam violência policial em Acari	Buba Aguiar (moradora de Acari e integrante do coletivo Fala Akari); “moradores” e “ativistas”
El País	15/03/2018	Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do	Marcelo Freixo (Deputado Estadual), Luiz Eduardo Soares (cientista)

		Rio após evento com ativistas negras	político); Michel Temer (Presidente da República); Anistia Internacional; PSOL
El País	16/03/2018	Assassinato político de Marielle Franco reativa as ruas e desafia intervenção no Rio	Talíria Petrone (vereadora de Niterói); Jandira Feghali (deputada federal); Marcelo Freixo (deputado estadual); Tereza Onã (educadora social); Raquel Oliveira (historiadora); Luciana Gentili (veterinária); Vitor Machado; Taíse Almeida (estudante); Mariane Oliveira
El País	15/03/2018	Intervenção no Rio faz um mês sem plano nem dinheiro e pressionada apurar caso Marielle Franco	Walter Braga Netto (Interventor Federal); Luiz Fernando Pezão (Governador do Rio de Janeiro); Polícia Militar; Raul Jungmann (Ministro da Segurança Pública); Fernanda Chaves (assessora de Marielle Franco, única sobrevivente do crime)
El País	12/03/2019	Acusados de matar Marielle, PM e ex-PM são presos no Rio de Janeiro	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Simone Sibilio (promotora); Letícia Emile (promotora)
El País	12/03/2019	Conclusão de caso Marielle testa Moro no Ministério da Justiça”	Jair Bolsonaro (Presidente da República); Sérgio Moro (Ministro da Justiça); Marcelo Freixo (deputado federal); Leonardo Isaac Yarochevsky (advogado e doutor em Direito pela UFMG)
El País	12/03/2019	Caso Marielle: O que se sabe até agora sobre o crime que completa um ano	Ministério Público do Rio de Janeiro; jornal “O Globo”
El País	13/03/2019	Segunda fase de investigação sobre crime de Marielle terá novo delegado	“Fontes ligadas à Divisão de Homicídios”; “integrantes do PSOL”; “membros do Ministério Público”

Fonte: Elaboração própria

No total, das 48 fontes mobilizadas pelo jornal, apenas 16,6% são primárias e 83,4% são secundárias. Ao somar as fontes identificadas como pessoas físicas nos textos, há um equilíbrio entre as fontes oficiais e os familiares, amigos e envolvidos no caso, que contabilizam 11 referências cada. As outras sete fontes identificadas são advogados e policiais envolvidos nas investigações, totalizando 24% das ocorrências. Das fontes oficiais, os nomes mais mencionados são do então interventor federal Walter Braga Netto e do deputado federal Marcelo Freixo, amigo e partidário de Marielle.

No que se refere à representação de gênero e etnia nos anos analisados, também há uma paridade entre fontes femininas e masculinas. Das 30 fontes utilizadas nas matérias do jornal, a maioria é composta por homens, representando 56,6% das menções.

A despeito do maior equilíbrio na mobilização de fontes masculinas e femininas, todavia, quanto à etnia aproximadamente 77,7% das citações são de pessoas brancas.

Tabela 4 - Fontes utilizadas nas matérias analisadas do jornal El País

Classificação fontes	2018	2019	Total
Primárias	13,8%	21%	17,4%
Secundárias	86,2%	79%	82,6%
Mulheres	55%	18,2%	43,3%
Homens	45%	81,8%	56,6%
Branco	64,7%	100%	77,7%
Negros	35,3%	0%	22,3%

Fonte: Elaboração própria

Em relação aos canais de informação identificados nos anos analisados, o mais utilizado pelo jornal *El País*, a exemplo da *Folha de S. Paulo*, é o de rotina. Apenas em 2018, ano do crime, o meio mais utilizado foi o canal corporativo, com 39,3% das 33 fontes. Os canais de rotina, informal e os que não tiveram identificação possível representam 30,3%, 27,2% e 3% respectivamente. Já em 2019 a situação inverte-se e o canal de rotina obtém mais da metade das 22 fontes mencionadas, com 59%. Naquele ano, o canal corporativo não foi utilizado. Os demais canais – informal e não identificado – contabilizam 27% e 14% das ocorrências respectivamente.

Tabela 3 - Canais de informação das matérias analisadas do El País

Canais	Quantitativo	Porcentagem
Rotina	23	41,8%
Informal	15	27,2%
Corporativo	13	23,6%
Não identificado	4	7,2%

Fonte: Elaboração própria

As fontes mais citadas mobilizadas por meio do canal de rotina são as oficiais, com 15 das 23 ocorrências. Tais declarações são extraídas, em maioria, de discursos do poder legislativo e de notas oficiais. Os policiais civis e militares, delegados e advogados envolvidos no caso são citados sete vezes na soma das matérias analisadas, com menções a partir de coletivas de imprensa. No canal informal, das 15 ocorrências identificadas, 33,3% das declarações são extraídas de publicações feitas por outros veículos jornalísticos. Alguns exemplos são as citações dos periódicos *O Globo*, *GI* e *O Dia*. Os familiares, conhecidos e envolvidos no caso representam 27% das ocorrências, com citações originais da própria Marielle Franco (extraídas de suas redes sociais); da assessora Fernanda Chaves, sobrevivente do crime; e dos investigados Ronnie Lessa e

Élcio de Queiroz. Por fim, o *El País* também mobiliza como fonte secundária o cientista político Luiz Eduardo Soares, transcrevendo as citações do especialista em segurança pública de suas redes sociais.

O canal corporativo foi o mais utilizado pelo jornal em 2018, com 10 das 13 ocorrências. Diferentemente do jornal *Folha de S. Paulo*, porém, a busca por declarações a partir de entrevistas *in loco* realizadas pelo repórteres do *El País* representa 92,3% dos casos. O restante, 7,7%, remete a informações coletadas a partir de pesquisas em bancos de dados. Dentre as fontes cuja identificação do canal fica impossibilitada, estão o advogado e doutor em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Leonardo Isaac Yarochevsky, como fonte secundária; o Ministério Público; e – genericamente – o PSOL. Ao longo do recorte empírico analisado, 13 fontes são introduzidas de modo genérico, a exemplo de “fontes ligadas à Delegacia de Homicídios”, “pessoas ligadas à Polícia Civil”, “integrantes do PSOL”, “membros do Ministério Público” e “ativistas e moradores de Acari”. Em síntese, 24% das fontes utilizadas no jornal não recebem identificação precisa.

A partir das análises pode-se perceber que embora seja sustentado em grande parte por fontes oficiais, o *El País* apresenta um tratamento menos oficialesco do que a *Folha de S. Paulo*. Com a busca dos repórteres por declarações fora do âmbito das coletivas de imprensa e das notas oficiais, o jornal vale-se mais dos canais corporativos. O *El País* também apresenta maior equilíbrio em termos de gênero e de etnia decorrente da procura jornalística por fontes primárias, familiares ou conhecidos de Marielle, em lugares como o enterro da vereadora ou nas manifestações realizadas em sua homenagem. Entretanto, com base nos dados analisados, ainda que mostre uma identidade mais engajada em temáticas relativas aos direitos humanos, não se faz possível afirmar que o tratamento do caso pela versão brasileira do *El País* represente uma cobertura eminentemente plural ou que resulte em potencial rompimento com a tendência histórica de mobilização de um rol estreito de fontes legitimadas a partir das instâncias de poder – em sintonia com o que é demonstrado em diferentes períodos históricos e recorte geográficos por autores como Sigal (1974), Soley (1992), Gans (2004) e Leal e Carvalho (2014).

Em especial no segundo ano de cobertura, por exemplo, o *El País* volta-se a uma estratégia de tratamento do caso bastante similar ao oficialismo das fontes da *Folha de S. Paulo* – veículo que, frisa-se, também não se insere no espectro mais conservador da mídia brasileira. Ademais, pode-se inferir a partir da mobilização de fontes e de canais de

informação por parte dos jornais estudados que ambos constroem enquadramentos do crime contra Marielle Franco baseados em recursos retóricos que não contribuem para o desvelamento da complexidade do fenômeno em pauta.

ALGUMAS INFERÊNCIAS POSSÍVEIS

Se por um lado os graus desproporcionais nas categorias de fontes e de canais de informação identificados nas análises quantitativas dos veículos *Folha de S. Paulo* e *El País* explicitam os jogos de forças em disputa na sociedade, por outro, quando expostas a um olhar qualitativo, as categorias de análise tornam possíveis outras inferências ainda mais complexas sobre os efeitos extraídos das estratégias retóricas em pauta (KUYPERS, 2009) – especialmente a simplificação, personificação e a consonância (SILVA, JERONYMO, 2018).

Na *Folha de S. Paulo*, a partir da mobilização de fontes e de seus argumentos, nota-se uma estratégia implícita de simplificação nos textos em que as mortes de Marielle Franco e de Anderson Gomes são em certa medida justificadas pela conjuntura de calamidade e de violência no Rio de Janeiro. Um exemplo pode ser visualizado na matéria “Assassinato de Marielle mobiliza Planalto para reduzir desgaste”, publicada no dia 15 de março de 2018. Logo após contextualizar o caso, o texto apresenta o intertítulo “Violência no Rio”, onde são expostos os problemas com o policiamento público e a situação da violência no estado, tratados como consequências diretas da crise política de 2016. Ao evidenciar essas informações como uma espécie de conclusão, conota-se que o crime foi mais um evento decorrente da falta de estrutura no policiamento público do Rio de Janeiro, remetendo a um achatamento da complexidade dos motivos do assassinato – incluindo os menos latentes, como as questões raciais e de gênero. Tal estratégia é também mobilizada na matéria “Comandante do Exército vê crescer importância da Intervenção após crime”, do dia 16 de março de 2018, que tem foco na fala do general Eduardo Villas Bôas de que o caso Marielle Franco remete à necessidade de um aumento na Intervenção no Rio de Janeiro e não o contrário, destituindo de contexto a bandeira política defendida pela vereadora em sua trajetória política. Os textos apresentam os problemas do Rio de Janeiro com a segurança pública e com Intervenção Federal relacionando diretamente tais questões à morte da vereadora; isto é, conotam uma simplificação ao remeter o atentado a uma relação causal com a violência (se a violência é disseminada, logo há chance de casos assim acontecerem).

Da mesma forma, como já explicitado na análise quantitativa das fontes, localiza-se uma estratégia implícita de personificação a partir de vozes oficiais. Nesse sentido, em diversas ocasiões o foco recai na Intervenção Federal instituída pelo então Presidente Michel Temer e nas ações realizadas por ele após a morte de Marielle, o que também equivale ao acionamento do recurso da consonância (a inscrição da história em uma narrativa mais ampla já socialmente conhecida). A confluência desses recursos retóricos pode ainda ser verificada em matérias como “Morte de Marielle não afeta Intervenção no Rio”, diz ministro da Justiça” (15 de março de 2018), que protagoniza o então ministro Torquato Jardim, e “Não me lembro desse cara”, diz Bolsonaro sobre vizinho suspeito de matar Marielle” (13 de março de 2019), que deposita o foco no recém-empossado Presidente da República Jair Bolsonaro.

No caso do *El País*, no que tange a estratégia da consonância, faz-se preciso reconhecer que o veículo mobiliza o recurso retórico de modo criativo na cobertura realizada em março de 2018, isto é, logo na sequência do crime, fugindo do oficialismo das fontes. Um exemplo pertinente remete à matéria “Ameaças aterrorizam moradores e ativistas que denunciam violência policial em Acari” (15 de março de 2018), onde se estabelece uma referência à Igreja Nossa Senhora de Nazaré e Santos Mártires Ugandenses localizada no bairro onde viveu Marielle Franco. O texto recupera a história na qual 45 homens negros foram mortos em Uganda no século XIX pelo fato de serem cristãos, realizando um dialogismo com a morte pela polícia de dois homens negros nas redondezas da igreja – e, em um plano mais amplo, com o próprio assassinato de Marielle como decorrência do racismo estrutural que mitiga a sociedade carioca. Ademais, diferentemente da *Folha de S. Paulo*, nos textos do *El País* em 2018 busca-se consonância em fontes não hegemônicas, como mulheres negras que ocupam posições de liderança na periferia e recorre-se a mobilizações populares que são mais próximas ao que Marielle Franco defendia e representava. Em contrapartida, as fontes oficiais são introduzidas como o “outro lado”, ou seja, são destituídas de centralidade na matéria.

Todavia, a partir de 2019 as fontes utilizadas com mais frequência pelo *El País* passam a ser também as oficiais, numa aproximação com o modelo de jornalismo mais convencional trabalhado pela *Folha de S. Paulo*. Replica-se, nesse cenário, o recurso da simplificação, porém em sentido diferente daquele empregado pelo jornal paulista. No caso do *El País*, em sintonia com uma linha editorial bastante crítica à Intervenção Federal no Rio de Janeiro, sobe-se o tom ao referir-se ao assassinato como prova da inadequação

da ação no Estado. Em alguns trechos, o veículo toma a parte pelo todo e deixa implícito que problemas históricos do Estado podem ser resolvidos com o fim da Intervenção. Outrossim, no que tange o acionamento das fontes, desta vez em relação à variável de gênero, identifica-se em 2019 a ênfase do *El País* na consonância e na personificação ao proceder-se – não raramente em demasia – a vinculação da cobertura sobre a morte de Marielle Franco à figura de Marcelo Freixo, personagem masculino legitimado como voz oriunda de canais oficiais. Ainda que exista um alinhamento ideológico e uma relação afetiva entre a vereadora e o deputado federal, o político é constantemente mobilizado como fonte única próxima à vítima, mesmo que o enfoque da matéria não seja a política partidária. Deste modo, em alguns trechos a trajetória de Marielle fica sobremaneira eclipsada por Freixo, conotando-se, na contramão das bandeiras emancipatórias defendidas pela vereadora e pelo próprio deputado, uma modalidade de tutela.

REFERÊNCIAS

- FRANCO, Marielle. **UPP – A redução da favela a três letras**: Uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- GANS, Herbert J. **Deciding What's News**: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time. Illinois: Northwestern University Press, 2004.
- KUYPERS, Jim A. Framing analysis. In: KUYPERS, Jim A. (Org.). **Rhetorical Criticism: perspectives in action**. New York: Lexington Books, 2009.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem**: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LEAL, Bruno S.; CARVALHO, Carlos A.. **De fontes a agentes jornalísticos**: a crítica de uma metáfora morta. Intexto, n. 34, p. 606-622, set./dez. 2015.
- SCHIRMER, Leandra C.; DALMOLIN, Aline R. **Discurso de ódio biopolítico no caso Marielle Franco**. In: Anais do I Congresso Nacional de Biopolítica e Direitos Humanos, Ijuí, 2018.
- SOLEY, Lawrence C. **The News Shapers**: The Source Who Explain the News. New York, Westport, London: Praeger Publishers, 1992.
- SIGAL, Leon V. **Reporters and Officials**: The Organization and Politics of Newsmaking. 2 ed. Estados Unidos: D.C. Heath and Company, 1974.
- SILVA, Marcos Paulo da; JERONYMO, Raquel de Souza. **Apontamentos críticos sobre os valores-notícia de construção**: contribuições para a problematização do conceito a partir da frame analysis e da crítica retórica. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 15, n. 1, 2018.
- TABAK, Fanny. **Mulheres públicas**: participação política e poder. Letra Capital, 2002.